

BLOGS, CONSUMO E SUBJETIVIDADE

Tarcisio Torres Silva¹

Resumo

As recentes discussões acadêmicas que têm os blogs e outras ferramentas de publicação pessoal como tema, abordam esses espaços sob os mais diversos pontos de vista. É corrente também nesses textos o uso do termo “subjetividade” para se referir às formas como os usuários manifestam seus desejos, vontades e experiências nas suas publicações *on line*.

Nesse contexto, aparecem também citações que ligam as experiências do cotidiano dos usuários às coisas que consomem. A subjetividade ganha, assim, mais um elemento para construí-la: o consumo.

Apresentaremos nesse trabalho exemplos de construções de subjetividades dadas a partir daquilo que os donos dos blogs consomem ou consumiram um dia. Veremos que os objetos que possuímos podem funcionar como metáfora da relação que temos na constante construção de nossos sujeitos.

Palavras-chave: BLOG, CONSUMO, SUBJETIVIDADE

¹ **Tarcisio Torres Silva** - Bacharel em Publicidade e Propaganda (ESPM - SP), Bacharel em Ciências Sociais (USP) e mestrando em cultura audiovisual e mídia UNICAMP) - **Vinculação acadêmica:** Mestrando do Instituto de Artes – UNICAMP e Professor universitário da Faculdade Comunitária de Campinas (FAC 3). - **Contato:** (19) 21212970 e (19) 96317482; tartorres@gmail.com

BLOGS, CONSUMO E SUBJETIVIDADE

1. Introdução

O conceito de subjetividade encontra amplo espaço nas discussões ligadas à condição humana na contemporaneidade. Ele substitui a clássica concepção do sujeito cartesiano, único e centralizado, por se adaptar melhor à condição humana, ainda mais evidente na contemporaneidade, de um sujeito múltiplo e pulverizado.

Neste trabalho, entenderemos a subjetividade como o processo de composição de formas variadas de sujeito, assim como entende Rose (2001):

A subjetivação é, assim, o nome que se pode dar aos efeitos da composição e da recomposição de forças, práticas e relações que tentam transformar – ou operam para transformar – o ser humano em variadas formas de sujeito, em serem capazes de tomar a si próprios como os sujeitos de suas próprias práticas e das práticas de outros sobre eles. (ROSE, 2001:143).

As variadas experiências do homem contemporâneo não podem ser limitadas ao entendimento de um sujeito único. Somos sujeitos em constante transformação, sofrendo a ação do ambiente em que vivemos e interferindo sobre ele da mesma maneira. Ainda em Rose (*ibid*):

(...) todos os efeitos da interioridade psicológica, juntamente com uma gama inteira de outras capacidades e relações, são constituídos por meio da ligação dos humanos a outros objetos e práticas, multiplicidades e forças. São essas variadas relações e ligações que produzem o sujeito como um agenciamento; elas próprias fazem emergir todos os fenômenos por meio dos quais, em seus próprios tempos, os seres humanos se relacionam consigo próprios em termos de um interior psicológico: como eus desejantes, como eus sexuados, como eus trabalhadores, como eus pensantes, como eus intencionais – como eus capazes de agir como sujeitos. (ROSE, *ibid*.: 146).

Verifica-se dessa forma que o indivíduo entende-se como sujeito a partir das várias ligações que produz com o mundo em que vive. Os elementos não são vistos de forma isolada, mas através de agenciamentos (Deleuze e Guattari, 1995). Nestes, a realidade, a subjetividade e a representação (meio) ligam-se e constituem o sujeito. Não há como enxergá-los de forma isolada. A composição do sujeito se dá através das multiplicidades provenientes desses campos.

Essa composição, por sua vez, também não é fixa. Ela está sujeita a constantes mudanças. São forças que agem sobre os agenciamentos, provocando mudanças e novos processos de subjetivação. Temos assim, um sujeito em constante transformação.

Dentre as possíveis maneiras de o indivíduo construir subjetividades na sociedade contemporâneas, selecionamos neste trabalho dois elementos que despontam como essenciais para entendermos a constituição humana perante as possibilidades que se apresentam a ela na sociedade contemporânea. De um lado, o consumo, representante da sociedade capitalista em que vivemos e do outro, os blog, ferramenta de publicação pessoal da internet, um dos elementos que provocaram a discussão sobre as mudanças na comunicação com o advento da *web 2.0*, caracterizada pela colaboração entre usuários e maior troca de informações.

Veremos que através de uma ferramenta de publicação *on line* de fácil manuseio, os indivíduos usam suas possibilidades para construir imagens de si. Uma maneira diferenciada de observarmos essa atividade de produção é uso do próprio consumo que os usuários se apropriam para criar seus conteúdos, lançando mão de sua privacidade em prol da produção de seus blogs. Seus próprios objetos, produtos adquiridos e lugares que freqüentam tornam-se metáfora dos processos de subjetivação que constroem em suas vidas ao mesmo tempo em que criam outros.

Essa construção se dá por meio de imagens, textos e desenhos que são constantemente publicados através dos blogs. Pequena coletânea de fatos relevantes da vida mediada pelo consumo. Uma atividade constante que remete à elaboração de arquivos pessoais, atividade que encontra antecedentes já na história da fotografia.

2. Arquivar memórias

O ato de arquivar momentos de felicidade, casamentos, viagens e coisas importantes para a subjetividade de cada um não é si novo. Considerando que os exemplos usados vão tratar prioritariamente de imagens que eventualmente acompanham um texto, podemos pensar que esse tipo de arquivo, o arquivo de imagens pessoais, encontra seu início com a popularização das máquinas fotográficas em meados do século XIX.

Quando discorre sobre o surgimento dos espaços privados no século XIX, Alain Corbin (1999) passa também pela fotografia, que considera um elemento importante para conceber o registro da marca pessoal no mundo. No seu texto, relata que os primeiros temas para as fotos dessa época já remetem ao núcleo familiar. Segundo ele, “a fotografia inserida no álbum de família consegue ancorar na lembrança a solidariedade entre os irmãos. Quando a vida os dispersar, o instantâneo amarelecido servirá de suporte do sentimento.” (1999: 427).

O ato de fotografar era, portanto, uma forma de “arquivar” um momento nobre da família para que as gerações futuras pudessem lembrar dele. As fotos tornam-se importantes para imortalizar os elos familiares e a felicidade. Depois da morte, constituiriam uma

lembrança do que foi o indivíduo e uma forma de fazer com que seus méritos fossem sempre revividos. Em função disso, as fotografias vão parar nas lápides dos cemitérios, envolvidas por molduras que vão valorizar ainda mais a figura do indivíduo.

Da experiência da fotografia, passando pelos vídeos caseiros, o indivíduo experimenta hoje na internet a possibilidade de construir “álbuns” de sua vida que são publicados e vistos por quem quiser. O registro das coisas mais efêmeras, possibilitado pela popularização de câmeras digitais, criou um novo tipo de arquivo pessoal, baseado não apenas nas experiências mais relevantes de “um álbum de família”, mas por quase todo tipo de experiência por que passam os donos de blogs.

3. Memórias de consumo na internet

Os dois exemplos de blogs que ilustram a construção de arquivos digitais tratam de dois temas parecidos: um deles faz o registro de objetos que estão sendo jogados fora e outro usa como tema coisas que acabaram de ser compradas.

O primeiro é o blog *Arquive Fever*², que se propõe a arquivar os objetos que serão estão indo para o lixo. Para isso, o colaborador deve tirar uma foto do objeto, escrever um pequeno texto sobre a estória desse objeto e eliminá-lo. Na Figura 1, temos um exemplo de arquivo pessoal, intitulado “sapato 1”: Com a imagem, segue o texto: “Fui para London com eles. Eles foram comigo numa das festas mais loucas da minha vida”.



Figura 1 – Imagem do blog *Arquive Fever*

Neste caso, o leitor que tem contato com esse material vai construindo uma imagem de alguém que vai aos poucos exibindo seu lixo doméstico. Nesse processo, criam-se múltiplas interpretações que estão alinhadas com o modo como cada um consome essas imagens-lixo. Há sem dúvida um sentimento de perda, por saber que o que ali se publica, já não existe mais.

² <http://www.febredearquivo.blogspot.com>

A exposição do lixo doméstico também mostra fases da autora do blog. O fato de ela livrar-se desses objetos mostra o consumo do tempo dado pelo desgaste dos objetos ou ainda simplesmente a constatação de que tais objetos não cabem mais na sua vida cotidiana, não fazem mais sentido dentro do contexto em que vive, restando apenas uma saída para os mesmos: o lixo. Local das fases passadas, das experiências vividas e daquilo que não é mais importante no presente. Digno, porém, do passado. Daí o registro.

Em *A Câmara Clara*, Roland Barthes (1984) discute a fotografia e comenta a peculiaridade existente em uma imagem fotográfica. No instante em que se registra uma cena, numa fração de segundos, esta cena se torna passado. A visualização dessa imagem é o contato com algo que já passou, acabou-se. Diz ele que “a fotografia não fala (forçosamente) daquilo que não é mais, mas apenas e com certeza daquilo que foi.” (BARTHES, 1984:127).

O contato com a fotografia ali presente se estende, pois não é um contato isolado. É fruto de um processo, de uma construção que é dada ao longo do tempo e ao longo dos *posts* que são publicados.

O que chama atenção no blog é a capacidade de desprendimento dos objetos expostos, a questão da destruição e a relação de algo que é publicado no momento em que já não existe mais. A ação da autora do blog também coloca em evidência a questão do excesso dos registros. Com a facilidade dos recursos tecnológicos à mão, qualquer elemento cotidiano torna-se motivo para um clique, uma filmagem. Indivíduos que registram tudo através de seus objetos portáteis, consomem na hora suas produções e as transformam em imensos arquivos digitais escondidos em suas máquinas particulares.

O segundo exemplo é o projeto *Obsessive Consumption*³ da americana Kate Bingaman que começou em 2002 e hoje já tem várias ramificações. A idéia inicial era mostrar a relação dela com o consumo. Nas próprias palavras dela no site com a *homepage* em formato de blog: “*Obsessive Consumption was created by Kate Bingaman to showcase her love/hate relationship with money, shopping, branding, credit cards, celebrity, advertising and marketing.*”⁴

Desse projeto inicial, realizado entre 2002 e 2004, a autora publicou tudo como um grande “museu do seu consumo privado” no site. Os itens estão divididos entre fotos e desenhos das coisas que Kate consumiu, além dos lugares e dos recibos de compras. Os desenhos também retratam os lugares onde Kate foi (como o logotipo da loja de departamentos americana *Target*), como das coisas

³ <http://www.obsessiveconsumption.com/>

⁴ *Obsessive Consumption* foi criado por Kate Bingaman pra mostrar sua relação de amor e ódio com o dinheiro, compras, marcas, cartões de crédito, celebridades, propaganda e marketing.

que ela comprou em si. Atualmente, seu projeto está ligado a desenhar as coisas que compra e ainda os cartões de crédito que usa.

Kate lançou seu projeto como um projeto de arte. Não apenas pelos desenhos, mas por toda a sua concepção e, como já diz o próprio nome, a obsessão em realizá-lo. Como a rede é esse espaço de projeção ao outro e suas referências, é inevitável que o usuário se identifique com as centenas de objetos ali expostos. São coisas simples que de repente ganham um espaço diferenciado.

O pioneiro nessa tarefa foi o pintor e escultor francês Marchel Duchamp, um dos fundadores da arte conceitual, que em 1917 enviou uma obra para um concurso de arte promovido nos Estados Unidos que se tratava simplesmente de urinol e que levou o título de *Fonte*. A obra foi rejeitada pelo concurso, que considerou o objeto sem nenhuma característica que pudesse enquadrá-la como escultura ou mesmo arte. O objetivo de Duchamp era obviamente outro e a obra tornou-se referência da crise que a arte começava a passar naquela época.

No caso do *Obsessive Consumption*, uma lógica parecida se transfere para o contexto da rede e temos à nossa frente um arquivo de vida completo mediado pelos atos de consumo de uma pessoa e concretizado através de objetos ordinários.

Vejamos alguns “arquivos” presentes no site.



Figura 2 – Celebrity 19

Da série *Celebrity* (celebridade), as fotos estão organizadas a partir da mesma composição: produtos adquiridos fotografados juntamente com uma revista de fofocas. No caso da figura 2, temos, além da revista com Jennifer Aniston e Brad Pitt, comida para gato (Friskies), sabonete líquido, pão do tipo sírio (Pita), iogurte *light* e algo que parece ser papel-toalha.

Neste caso, como em todas as outras compras registradas por Kate, acompanhamos o processo de criação de um personagem que ela mesma elabora através das coisas que compra.

Dado o período apontado (mais de dois anos), seria humanamente impossível registrar toda e qualquer compra feita pela autora do projeto. Dessa forma, há uma seleção do que está exposto no site, que não representa nem uma ínfima parte do que de fato uma pessoa consome nesse período. O que interessa nesse caso é justamente a escolha dos objetos expostos.

Observa-se através de suas compras uma pessoa com bom gosto, preocupada, como na figura 2, com a boa forma e o requinte de alguns produtos (*light*, sírio, etc.). Em outra foto, vemos um prato requintado num restaurante com mesas de design moderno, outra com uma bonita xícara de café grande. Ao mesmo tempo, em outras situações, há fotos de comidas em restaurantes *fast-food* como o *Arby's*, por exemplo.

Navegando pelas fotos de Kate, construímos sua personagem mediada por ela mesma na medida em que montamos em nossa mente uma mulher da sua idade (há uma foto de Kate na *homepage*) que veste e consome aquelas coisas. Além disso, percebe-se a presença de um namorado e de um gato pelas coisas que ela compra.

Na figura 3, temos um exemplo de uma das atividades recentes da autora do projeto: desenhar os objetos que compra, fazendo pequenas interações através de textos com a representação principal. Trata-se de um celular (sem câmera, enfatizado através do texto) comprado em abril em 2004. Novamente temos a presença de um objeto cotidiano que ganha destaque dentro de um todo. Isoladamente, o desenho tem um significado simples, já dentro do composto total, colabora, juntamente com todo o restante do conteúdo do site, para construir uma imagem ampliada das experiências de consumo da autora para quem o visita.

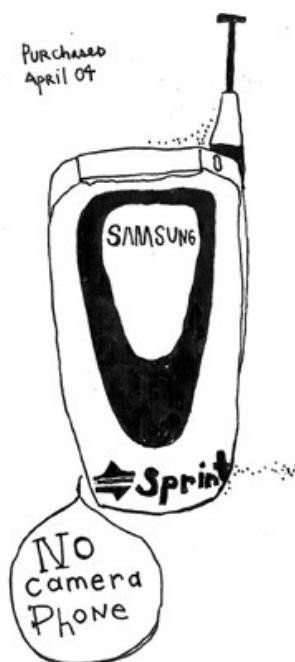


Figura 3 – Phone (sem câmera)

Os desenhos vão além porque trazem textos que às vezes são confessionais. No caso do celular, Kate enfatiza o fato dele não ter câmera. Já num outro, em que a compra se trata de uma maçã, o texto que acompanha diz: “Eu tento comer uma por dia... verdade.”⁵

O projeto de Kate Bingaman contém, portanto, uma série de elementos que aparecem constantemente em várias das experiências que os usuários de ferramentas pessoais experimentam e mesmo tentam exprimir, mesmo que sem a plena consciência disso.

4. Conclusões

O que chama atenção no blog *Arquive Fever* é a capacidade de desprendimento dos objetos expostos e a relação de algo que é publicado no momento em que já não existe mais. Já o projeto de Kate Bingaman contém uma série de elementos do consumo que aparecem no cotidiano de outros usuários. A autora constrói uma imagem de si que só é possível se as pessoas que entram em contato com seu trabalho conhecem e se identificarem com os produtos e marcas citados.

O modo como tais exemplos são construídos levanta uma questão crucial para o entendimento da subjetividade contemporânea mediada pelo computador que passa pelas experiências pessoais, nesse caso, mediadas pelo próprio consumo e a posse de objetos.

Ser, na sociedade de consumo, é também consumir. Se assim fazíamos desde o advento da sociedade de massas, quando nos tornamos editores de nossos próprios conteúdos, a nossa experiência com aquilo que consumimos passa por uma reflexão daquilo que agora publicamos.

Uma forma melhor de ver os sujeitos é como “agenciamentos” que metamorfoseiam ou mudam suas propriedades à medida que expandem suas conexões: eles não “são” nada mais e nada menos que as cambiantes conexões com as quais eles são associados. (ROSE, 2001: 146).

Na grande esfera onde estão inseridas as manifestações citadas, a blogosfera, amplia-se a quantidade de conexões criadas pelos arquivos digitais. Eles não são apenas um arquivo. Fundem-se à noção de realidade, são espelho do mundo de seus criadores ao mesmo tempo

⁵ No original em inglês: I try to eat one a day... really

em que funcionam como instrumentos de comunicação. São agenciamentos que refletem a prática da subjetividade contemporânea. O indivíduo, através das ferramentas de publicação, constrói um sujeito com o qual se identifica. O resultado nos mostra um sujeito contemporâneo que mostra a influência do mundo que o rodeia.

Um sujeito que transparece o imediatismo do consumo. Trabalha na lógica do sempre novo, a constante mudança, a prática da moda, a reciclagem de si através dos objetos adquiridos. Norteia-se pelo tempo, reflete sobre a passagem do mesmo. Comunica-se através de seus objetos, apegue-se a eles até o momento em que lhe convém. No momento da mudança, ao não se identificar mais com aquilo que foi no passado, simbolicamente elimina os objetos que se ligavam a um sujeito passado. O anonimato da metrópole encontra voz por meio da internet. Diz ao mundo que passa por uma mudança. Faz isso por meio de seus objetos.

Figuras

1. Disponível em:
<http://photos1.blogger.com/blogger/642/1075/320/foundue%20015.jpg>. Acesso em 20 set. 2007.
2. Disponível em: <http://galleries.obsessiveconsumption.com/photos/celebrity19.php>. Acesso em 01 fev. 2007.
3. Disponível em: < Disponível em: <
<http://galleries.obsessiveconsumption.com/drawings/drawing22.php>>. Acesso em 01 fev. 2007.

Referências

BADGER, Meredith. Visual Blogs. *Into the Blogosphere: Rhetoric, Community, and Culture of Weblogs*. Ed. Laura J. Gurak, Smiljana Antonijevic, Laurie Johnson, Clancy Ratliff, and Jessica Reyman. Jun. 2004. Disponível em: http://blog.lib.umn.edu/blogosphere/visual_blogs.html. Acesso em 30 jan. 2007.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CORBIN, Alain. Bastidores. In: PERROT, Michelle, org. *História da Vida Privada*, 4. São Paulo, Cia. Das Letras, 1991. p. 412-501.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol.2. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

GUATTARI, Félix. Da produção de subjetividade. In: PARENTE, André, org. *Imagem-Máquina: a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. p. 177-191.

PARENTE, André. Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade. In: PARENTE, André, org. *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 91-110.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica: 2001.

SANTAELLA, Lúcia. *Corpo e Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2004.

SCHITTINE, Denise. *Blog: Comunicação e escrita íntima na Internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. O “eu” dos blogs e das webcams: autor, narrador ou personagem?. In: *Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação*, 27., 2004. Porto Alegre. Anais... São Paulo: Intercom, 2004. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17780/1/R1833-1.pdf>>. Acesso em 04 abr. 2007.